

LIÇÃO 14 – A VIDA PLENA NAS AFLIÇÕES

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Comentários introdutórios:

- Estamos estudando neste trimestre a respeito das aflições dos justos, e já vimos sobejamente que o crente, mesmo o mais fiel, pode sim passar por diversas adversidades em sua vida, por diversas razões.
- Nesta última lição do trimestre, vamos aprender, com o exemplo de Paulo, que é possível ter uma vida plena, mesmo em meio às aflições.
- Assim como Paulo, mesmo passando por muitas adversidades, podemos ser felizes e viver a plenitude do Evangelho, porque temos o que realmente importa: Aquele que nos fortalece.
- Depois de Jesus, Paulo certamente foi a pessoa mais experimentada no sofrimento por amor a Deus. Já desde o início do seu chamado, Jesus já havia previsto uma vida dolorosa (At. 9.16). Ao longo do seu ministério, ele foi provado de várias formas (2Co. 11.23-33). Aquele que perseguia se torna perseguido; o que afligia, passa a ser afligido; o que consentia na morte dos outros, agora tem a sua morte consentida pelo simples fato de ser cristão. Foi abandonado por todos (2Tm. 1.15; 4.10). Mas, ainda assim, ele permaneceu fiel e, mesmo no cárcere, nos seus últimos dias de vida, ainda fala em júbilo e regozijo.

Texto da leitura bíblica em classe:

10 Ora, muito me regozizei no Senhor por, finalmente, reviver a vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade.

- Tendo chegado agora ao final de sua epístola, Paulo destaca um de seus principais propósitos ao escrevê-la. Os crentes filipenses se tinham mostrado generosos em seu apoio financeiro, reconhecendo as necessidades de Paulo e as crises de toda a ordem pelas quais ele passava. Eles queriam aliviar pelo menos suas dificuldades financeiras, até onde isso lhes fosse possível, pelo que lhe tinham enviado dinheiro em diversas ocasiões.
- Neste ponto Paulo faz uma pausa a fim de agradecer a essas doações. A última ocasião em que os filipenses tinham enviado auxílio financeiro a Paulo fora quando da vinda de Epafrodito, o qual agora retornaria a eles como o portador da presente epístola, bem como seu representante, autorizado a corrigir alguns problemas que afligiam aquela comunidade cristã.
- Este trecho (v. 10-20) da carta de Paulo aos filipenses contém a palavra de gratidão de Paulo pelas ofertas que lhe foram enviadas pela igreja em Filipos. Embora a palavra gratidão não esteja aqui expressamente mencionada, é por demais evidente no texto que Paulo lhes foi extremamente grato.
- Estas ofertas lhe foram entregues por Epafrodito (Fp. 2.25-30) e já tinham sido mencionados nesta carta (Fp. 1.3,5; 2.25), fazendo parte do contínuo compromisso de apoio da Macedônia a Paulo (Fp. 4.16).
- O fato que Paulo esperou até o fim desta epístola, para mencionar as doações recebidas mais diretamente, agradecendo aos crentes filipenses pelas mesmas, é questão que tem deixado perplexos a

alguns intérpretes. Alguns deles têm pensado que Paulo não tivesse ficado satisfeito ante a quantia recebida, tendo a mesma também chegado tarde demais para fazer-lhe grande bem. Mas outros veem nisso uma demonstração da delicadeza dos sentimentos de Paulo: o apóstolo teria adiado a menção da dádiva porque não queria que a questão parecesse ser demais importante para ele, como se estivesse motivado pela cobiça. Entretanto, é perfeitamente possível que ele já houvesse agradecido aos crentes filipenses pelo dinheiro enviado, em alguma epístola anterior, que agora desconhecemos; ou então, simplesmente, que as várias admoestações e instruções, necessárias para correção de outros problemas, e que foram incluídas nesta epístola, tenham forçado a menção da questão agora já no final da epístola.

- Esta passagem aprova as doações feitas a ministros e missionários do evangelho, como algo digno de louvor. A passagem de 1Co. 9.7-14 ainda se mostra mais detalhada e dogmática, ao abordar esse mesmo problema.

- Está implícito neste versículo que os filipenses já haviam ajudado Paulo antes. E o v. 16 deste capítulo deixa isso claro. Em 2Co. 11.8-9 vemos que isso já havia ocorrido relativamente cedo em seu ministério. Desde quase o princípio o apóstolo vinha recebendo ajuda financeira dos crentes filipenses. Podemos supor, assim sendo, que eles lhe prestavam ajuda regular, desde o tempo de sua segunda viagem missionária, cujo início está registrado em At. 15.26.

- Por algum tempo, os filipenses pararam de ajudar o apóstolo, mas agora o cuidado deles para com Paulo se renovara. A palavra “reviver” ilustra o rejuvenescimento de uma árvore ou planta na primavera, após uma estação dormente. Paulo não está expressando algum lapso na preocupação dos filipenses para com ele por esquecimento. Está sugerindo que, embora sempre tenham cuidado dele, seus cuidados finalmente produziram frutos, uma obra tangível refletida pelas ofertas que lhe foram enviadas.

- Essa expressão tem sido compreendida essencialmente de duas maneiras: 1) Se o verbo for usado intransitivamente, então Paulo estaria dizendo: “Alegro-me que chegastes ao estado de florescência, novamente, de modo a terdes podido pensar outra vez em mim, resultando isso na oferta que me enviastes”. 2) Mas se o verbo for transitivo, então ele teria dito: “Recebi a vossa preocupação por mim”, em que a palavra “preocupação” seria o objeto do verbo. É provável que esta segunda posição seja a forma mais correta de compreender o trecho, podendo até subentender certa “reprimenda”, porquanto deixaram aquela preocupação ficar amortecida por algum tempo. Mas, para evitar que tal interpretação fosse lida em suas palavras, Paulo teria adicionado que isso ocorrera por falta de oportunidade da parte dos filipenses, e não por falta de interesse, conforme se vê no restante do versículo.

- Os tipos de transporte antigo, bem como os assaltos frequentes nas poucas estradas, dificultavam imensamente a questão. Os crentes filipenses talvez não tivessem mesmo os fundos para uma doação, não possuíam prosperidade financeira bastante para tal coisa, ou então talvez não contassem com um mensageiro de confiança que estivesse livre, no momento, para o propósito de levar ao apóstolo os meios pecuniários. Mas, finalmente, em Epafrodito, encontraram o portador certo.

- A palavra “lembrança” é tradução de uma palavra comum na carta (*phroneo* – Fp. 1.7; 2.2,5). Não fala apenas sobre estar ciente das necessidades de alguém, mas também implica uma aplicação prática deste pensamento. Por meio de suas ofertas, estavam de fato agindo para com ele conforme aquilo que lhes havia ensinado em relação ao tratamento mútuo entre os membros da comunidade de Filipos. Isso é reforçado na parte final deste versículo, onde Paulo reconhece que os filipenses estavam realmente preocupados com ele, porém, faltava-lhes a oportunidade para expressá-lo.

- Paulo sempre foi grato pela ajuda recebida, mas nunca fez nenhuma exigência a seus convertidos para que o sustentassem. Ele não fala do assunto aqui para conseguir algo deles, mas para louvá-los pela ajuda já enviada.

- A alegria de Paulo é uma das notas-chaves mais constantes da presente epístola. A alegria é uma das facetas do “fruto” do Espírito Santo, ou seja, uma qualidade espiritual (ver Gl. 5.22-23).

- Paulo usou o aoristo epistolar, no grego – traduzido em português por “me regozijei”, vindo a questão do ponto de vista de seus leitores. Quando os crentes filipenses recebessem esta epístola, sua ação de agradecimento já seria considerado como algo ocorrido no passado; por essa razão é que Paulo escreveu o verbo no tempo passado. Normalmente, esses aoristos, a fim de se adaptarem à nossa maneira de dizer as coisas, são vertidos para o tempo presente, nas traduções modernas.

- É de se notar que a alegria de Paulo não foi propriamente pela ajuda que recebeu, mas pela lembrança dos filipenses dele. A palavra “muito”, empregada na frase, ressalta o tamanho da alegria de Paulo por essa lembrança.

- Paulo se regozijava “no Senhor”, uma expressão ligada à alegria expressa ao longo da carta (Fp. 3.1; 4.4). Essa expressão indica a nossa união e contacto com o Senhor Jesus, bem como a nossa posição como membros da família divina, juntamente com Ele; e também fica indicado o seu senhorio, que é comentado no trecho de Rm. 1.4.

- Neste reconhecimento final de seu apoio, Paulo reflete, ao mesmo tempo, um senso de independência (v. 10-13) e de interdependência (v. 14-19) em seu relacionamento com os filipenses.

- Em 1Co. 9.11-18, Paulo escreveu que não aceitava as ofertas da igreja dos coríntios para não ser acusado de estar pregando exclusivamente por dinheiro. Havia também os que o acusavam (especialmente os “judaizantes”) de não ser um apóstolo, e por isso não faria jus às ofertas (2Co. 11.8-9). Nessas críticas, realmente havia um ataque contra o seu próprio apostolado. Mas Paulo insistia que era responsabilidade dos membros de uma igreja manter os ministros de Deus (1Co. 9.14). O apóstolo aceitou a oferta dos filipenses porque foi dada espontaneamente e porque precisava dela para o seu sustento, mas sobretudo porque sabia que os filipenses jamais o acusariam de pregar por dinheiro, como os coríntios.

- Ordinariamente, Paulo não recebia doações das igrejas que fundava (só há registro de Paulo ter recebido ajuda dos filipenses, de ninguém mais), não apenas para dar exemplo de tal parcimônia a outros, mas provavelmente porque não queria que seu serviço, prestado à causa de Cristo, desse a impressão de ser feito a troco de uma “cobrança”. Estava muito mais interessado em prestar seus serviços gratuitamente, já que, antes de sua conversão a Cristo, havia perseguido à igreja do Senhor.

11 Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho.

- É como se Paulo houvesse escrito: “Não estou falando em tom de queixa, inspirado pela minha pobreza, como homem que se acha em desesperadora necessidade, porquanto já aprendi a estar contente em qualquer situação, tendo dinheiro ou não”.

- “Aprendi”, no original grego, está no aoristo, usado em um lugar onde se poderia esperar o passado perfeito. A ideia é: “Já aprendi, de uma vez por todas, através de minha experiência; e essa ainda é a minha opinião fixa”.

- Paulo teve que aprender a contentar-se; as coisas boas sempre têm que ser aprendidas, cultivadas; as más não precisam, produzem-se espontaneamente; ex: os espinhos não precisam ser cultivados, mas rosas têm que ser plantadas e tratadas.

- Por isso ele foi capaz de dizer: “De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste. Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram” (At. 20.33-34).
- Esta talvez tenha sido a melhor lição que Paulo aprendeu; certamente só com muita vivência, prática de fé, é possível aprender a contentar-se, pois isso contraria a natureza humana de sempre querer mais e melhor; o contentamento de Paulo não dependia do que ele tinha, mas da sua suficiência em Cristo; se ele tinha alimentos, é porque Jesus queria que tivesse; se passava fome, é porque Jesus queria que ele passasse.
- O segredo do contentamento, da satisfação, é reconhecermos que Deus nos concede, em cada circunstância, tudo quanto necessitamos para uma vida vitoriosa em Cristo (1Co. 15.57; 2Co. 2.14; 1Jo. 5.4). Nossa capacidade de viver vitoriosamente acima das situações instáveis da vida provém do poder de Cristo que flui em nós e através de nós (Fp. 4.13; 1Tm. 6.8). Isso não ocorre de modo natural; precisamos aprender na dependência de Cristo.
- Os filósofos estoicos usaram a palavra “contentamento” (*autarkes*) para denotar o caráter desejável de uma pessoa que aprendeu a viver de maneira autossuficiente. Este indivíduo seria capaz de viver uma vida livre da influência das circunstâncias e pressões externas.
- Paulo empregou aqui um termo famoso dos filósofos estóicos, porquanto a nota chave da filosofia deles era a autossuficiência”, isto é, um estado em que as emoções provocadas pelas circunstâncias externas não têm a permissão de perturbar a tranquilidade íntima do indivíduo. Ora, a cidade natal de Paulo, Tarso, era um dos grandes centros da filosofia estóica; e todos quantos leem as cartas de Aêneca (contemporâneo de Paulo e filósofo estóico romano) sabem o quanto Paulo tomou do estoicismo certas expressões, em suas epístolas. Podem ser comparadas as muitas metáforas de Paulo, baseadas na vida atlética, com os escritos de autores estóicos, que tinham nisso uma de suas práticas constantes (ver Diog. L.2.24, onde figura essa expressão, acerca de Sócrates, onde também aparece o adjetivo “semnos”, que significa “augusto”, “majestático”). Em Tim. 33 D, Platão usa esse vocábulo acerca do indivíduo para quem nada faltava, espiritualmente ou em qualquer outro sentido, o qual é visto como alguém “muito mais excelente” que aqueles que padecem de alguma necessidade. Sócrates, por sua vez, falava da verdadeira riqueza, com as seguintes palavras: “Aquele que se contenta é o mais rico, pois a autossuficiência é a riqueza da natureza”. Sêneca dizia: “Feliz é o homem que, em quaisquer circunstâncias em que se encontre, sente-se contente”.
- Para Paulo, este contentamento não consistia em autossuficiência, mas na dependência de Deus. Foi o poder de Deus em sua vida que o capacitou a viver acima de suas circunstâncias presentes. Este contentamento foi “aprendido”, não de modo teórico, mas nas experiências através das quais Deus conduziu Paulo até este ponto em sua vida.
- Contentar-se não tem nada a ver com a quantidade de bens que se possui, mas sim com o que está na sua mente; há quem se contente tendo pouco; há quem não se contente, mesmo tendo muito; veja o exemplo de Acabe no episódio da vinha de Nabote (1Rs. 21.4); e o de Hamã no caso de Mardoqueu (Et. 5.11-13).
- Paulo sabia como permanecer contente, quer tivesse abundância, quer estivesse passando necessidades. O segredo estava em aproveitar o poder de Cristo para obter a força necessária. Isso é ser maduro e livre da opressão da necessidade. Embora esta nos assale o coração, ainda assim esperamos em Deus e alegremo-nos nele, que é a nossa esperança (Sl. 11.1; 35.9; 42.11).
- Igualmente Cristo, que se fez carne e habitou entre nós, passando pelos mesmos problemas que nós, passando fome (Mt. 4.2), sede (Jo. 19.28), cansaço (Mt. 8.24), agonia (Lc. 22.44), tristeza (Mt. 26.39 etc), para nos mostrar que as vicissitudes desta vida terrena não nos impedem de ter uma comunhão com Deus.

Passar pelas experiências angustiosas da vida só revela quanto somos dependentes do Altíssimo. Se estamos em Cristo, se temos comunhão com Ele, também participaremos das Suas aflições (2Co. 1.5; Fp. 3.10; 2Tm. 1.8).

- A experiência paulina e a de Cristo desafiam-nos a viver um Evangelho que não prioriza a ilusão de uma vida de “mar de rosas”. Antes, desafia-nos a viver a realidade dos “espinhos” e “abrolhos” que não poucas vezes ferem-nos a carne. Todavia, a graça de Cristo nos é suficiente para que, mesmo não tendo as necessidades satisfeitas, o nosso coração se acalme e venhamos a nos deleitarmos em Deus (2Co. 12.9).

- As aflições desta vida terrena têm um alcance limitado: somente podem nos turbar a vida terrena, a vida neste mundo. Não têm o poder de abalar a nossa vida espiritual. Em Cristo, já nos encontramos nos lugares celestiais (Ef. 1.3). Por isso não devemos temer as aflições desta vida terrena; devemos sim temer perder a comunhão com o Senhor.

- Se não fosse por obra e graça de Deus, não desfrutaríamos a Sua doce presença. Isso explica a solidez da fé de uma mãe que perdeu seu filho; da esposa que, de forma trágica, viu a vida do seu cônjuge se esvaír; do pai de família que, da noite para o dia, veio a perder todos os bens materiais; mas, ainda assim, podem dizer como Jó: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1.21).

- Há quem critique esta posição dizendo que o crente assim se torna “alienado”, por estar “alheio ao mundo”, “fora de órbita”, e isso propiciaria as injustiças e maldades que existem em nosso mundo. Mas isto é falso. O cristão não é uma pessoa alienada; bem ao contrário, é alguém que está livre da cegueira que Satanás impõe a todos quantos não conhecem Jesus Cristo (2Co. 4.4).

- O cristão sabe, perfeitamente, o que é este mundo e, pelo seu amor ao próximo, tem o mesmo sentimento divino, que é o de querer que os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade (1Tm. 2.4). Mas, ao contrário dos que não conhecem Jesus, o cristão tem plena consciência de que a realidade presente é passageira, está com seus dias contados, e que o mais importante é desfrutar da realidade eterna, da comunhão com o Senhor.

- Sendo assim, o cristão esforça-se para que o mundo melhore, seja mais justo, o que somente ocorre com a retirada do pecado, razão pela qual não cessa de pregar o Evangelho para que, pela salvação em Jesus, o mundo possa ser transformado. Mas o crente não tem a ilusão de que as coisas desta vida se bastem, de que a felicidade se pode alcançar somente com um olhar para o que aqui existe. Alienado, portanto, é quem acha que este mundo, por si só, pode melhorar e que é a única realidade existente.

- Estando em Cristo, inclinamo-nos para as coisas do espírito e a inclinação do espírito é vida e paz (Rm. 8.5-6). Jesus deixou bem claro que somente podemos superar as aflições deste mundo se estivermos nEle, pois é nEle que temos paz, é nEle que nos integramos a Deus, que nos tornamos um com o Senhor. Por isso, apesar das aflições, temos vida plena, ou seja, temos a vida em sua integridade, em sua completude.

- Quem está sempre querendo mais deve pedir ao Senhor para retirar esse desejo e ensiná-lo a estar contente em todas as circunstâncias. Ele suprirá todas as nossas necessidades, mas de uma forma que só Ele sabe ser a melhor para nós. Quem foca sua vida nas aflições desta vida deixa de usufruir das inesgotáveis e sempre disponíveis riquezas que temos em Cristo (Rm. 9.23; Fp. 4.19; Ef. 1.18).

12 Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade.

- A palavra usada para “necessidade” aqui é a mesma usada para a humilhação de Cristo em Fp. 2.8. Mas, no contexto, refere-se à privação econômica.

- Paulo podia viver com alegria porque compreendia a vida sob o ponto de vista de Deus. O apóstolo se concentrava naquilo que era sua obrigação fazer, e não naquilo que pensava que deveria ter. Ele estabelecia corretamente as suas prioridades e era grato por tudo que Deus lhe havia concedido.

- Paulo se afastava daquilo que não era essencial para poder se concentrar naquilo que é eterno. Muitas vezes, o desejo de ter mais ou melhores posses é, na verdade, o desejo de preencher uma lacuna existente na vida da pessoa. É o chamado “consumismo de fuga”, em que a pessoa que está passando por algum problema procura refúgio nas compras para esquecer dos problemas. Mas isto não resolve nada; e em nada difere de um alcoolismo, por exemplo.

- Paulo emprega dois conjuntos de verbos contrastantes para mostrar os extremos através dos quais experimentou esse contentamento: quando estava bem alimentado, quando teve fome; quando viveu períodos de abundância e quando sofreu necessidades. Através de todas estas situações, descobriu o segredo do contentamento.

- O que é mais fácil: saber estar abatido ou saber ter abundância? Pode parecer fácil viver com abundância, mas isto pode ser ainda mais difícil que viver abatido. A pessoa que tem abundância de bens pode tender a se esquecer de Deus facilmente, confiando apenas nas coisas terrenas.

- Precisamos reavaliar nosso conceito de vida abundante em Cristo. Vida abundante não é ser rico materialmente ou nunca ficar enfermo. Deus abençoa os Seus servos, inclusive materialmente; Ele também cura fisicamente. Mas vida abundante não é isso. É possível ser próspero financeiramente e ter uma boa saúde física, mas ser vazio e miserável em sua vida.

- A verdadeira abundância de vida não pode ser avaliada pelos conceitos mundanos de sucesso. Ter vida abundante é viver a plenitude da vida de Cristo em nós, o que nos proporciona real sentido de vida, norte e propósito. É também termos o privilégio de desfrutarmos, nesta vida e diariamente, da riqueza da graça e do poder de Deus em nosso ser, do viço espiritual e da renovação de vida que há em Cristo pela ação inconfundível do Espírito Santo em nossos corações. Vida abundante é uma vida cheia de Deus, realizada e completa em Cristo e por Cristo. É uma vida nEle, dEle, com Ele, por Ele e para Ele, pois não há vida plena fora dEle.

- Em Rm. 5.3-5, Paulo descreve o processo da maturidade cristã que o Senhor espera de seus servos: a tribulação produz a paciência; a paciência, a experiência; a experiência, a esperança; a esperança, a certeza.

- A vida de Paulo nos ensina que a provação na vida do servo de Deus forjará uma pessoa melhor, mais crente em Jesus e fiel a Deus. O sofrimento faz-nos constatar o quanto dependemos do Senhor (Sl. 118.8-9). O salmista expressa claramente: “Antes de ser afligido, andava errado; mas agora guardo a tua palavra” (Sl. 119.67). Jó também reconheceu que aprendeu com a provação que passou (Jó 42.3-6). Nada melhor do que crescermos em Deus e diante dos homens, com as nossas próprias experiências. É por isso que Tiago recomenda que devemos nos alegrar ao passarmos por provações (Tg. 1.2-4).

- Não se pretende aqui ser irrealista quanto às feridas provocadas pelos sofrimentos da vida, nem negar o poder que as dificuldades e enfermidades têm de abater o nosso corpo e o nosso ser. Não é o caso de exigir do crente que seja um “super-herói”, que viva completamente à margem dos problemas, como se eles não existissem ou não tivessem nenhuma influência sobre nós. Isso seria pura hipocrisia.

- Apenas é preciso ressaltar o poder muito maior que Cristo tem de erguer, sustentar, prover e fortalecer a alma abatida em meio a esses momentos de dor. Como disse Paulo, “segundo as riquezas da Sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo Seu Espírito no homem interior” (Ef. 3.16).

13 Posso todas as coisas naquele que me fortalece.

- Quem é aquele que me fortalece? Jesus; quanto a isso não há discussão neste texto. Então, tendo Jesus, podemos tudo? Posso comprar uma casa nova, um carro novo, uma mansão, uma fazenda, um palácio? Tudo? Posso me livrar de doenças e de todo tipo de adversidades? Posso tudo?

- Essa é a base da teoria do triunfalismo, que é uma teoria aparentada com a teoria da prosperidade. Segundo essa teoria, pobreza é falta de fé, já que podemos ter tudo, desde que estejamos naquele que nos fortalece; então, se cremos em Jesus, podemos todas as coisas.

- O que são “todas as coisas” aqui, se não as coisas descritas nos versículos anteriores, especialmente no v. 12? “Posso todas as coisas” é “posso estar abatido”, “posso ter abundância”, “posso ter fartura”, “posso ter fome”, “posso ter abundância”, “posso padecer necessidade”; isso os triunfalistas não dizem.

- É de se notar a tradução deste texto na NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje): “Com a força que Cristo me dá, posso enfrentar qualquer situação”.

- Jesus nunca livrou Paulo dos sofrimentos, embora sempre estivesse com ele nesses momentos (ver, por exemplo, 2Tm. 4.16-17).

- Esse talvez seja o melhor exemplo de interpretação de texto bíblico fora do contexto que se conhece; e interpretação sem contexto é pretexto para se afirmar qualquer coisa. Nem sempre é fácil interpretar a Bíblia corretamente, de forma contextualizada; às vezes é difícil extrair o contexto do texto bíblico; às vezes é preciso ler todo o livro, ou até toda a Bíblia, para se extrair corretamente o contexto de um texto; exemplo: Is. 41.6 (“um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: Esforça-te!”).

- Mas este nem é o caso do texto deste versículo; o contexto está evidente, basta lermos dois versículos anteriores e já veremos que não há a menor base bíblica para a teoria do triunfalismo; muito mais ainda se conhecermos toda a carta de Paulo aos filipenses, a história de Paulo, as circunstâncias em que ele escreveu esta carta e todo o contexto bíblico.

- Isto evidencia a má-fé dos que defendem a teoria do triunfalismo; não é simplesmente um erro de interpretação, um erro escusável, que possa ser atribuído a simples falta de conhecimento dos seus defensores; é pura e inescusável má-fé; para falar sem rodeios, é simplesmente mal uso da Palavra de Deus em proveito próprio.

- Alguns exemplos de homens de Deus na Bíblia que não triunfaram, no sentido da teoria do triunfalismo: Abel, Jeremias, João Batista, o próprio Paulo, entre tantos outros; todos reconhecidamente justos, mas mesmo assim não tiveram a vitória humana pregada pelo triunfalismo.

- Todos conhecemos a vida abnegada que Paulo sempre levou, desde que se encontrou com Cristo; ele sempre procurou o bem da igreja, em detrimento dele próprio; sofreu muitos e muitos revezes por pregar o Evangelho; trabalhou fazendo tendas para se sustentar (At. 18.3), que era um ofício pesado e pouco remunerador; foi preso e açoitado várias vezes; sofreu naufrágios, perseguições etc.; Jesus cumpriu na vida de Paulo, literalmente, o que havia prometido para Ananias em At. 9.16 (“eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome”).

- Portanto, só por isso, achar que Paulo defenderia a ideia dos triunfalistas, ou que algum escrito seu seria base para essa ideia, é ridículo, um verdadeiro absurdo.

- Paulo fundou a igreja de Filipos por ocasião da sua segunda viagem missionária, depois de ter recebido uma visão, em que um cidadão macedônio lhe pedia ajuda (At. 16.9); Filipos foi a primeira igreja da Europa fundada por Paulo.
- É fato que Paulo estava preso quando escreveu a carta aos filipenses (Fp. 1.13); como alguém preso poderia dizer que pode tudo, no sentido que os triunfalistas querem atribuir a essa expressão? Como ele preso poderia ter tudo, ser rico, estar livre de todas as atribulações? Quem acreditaria em Paulo se ele afirmasse isso nas condições em que estava?
- Mesmo preso, Paulo nunca reclamou; muito ao contrário, ele procura animar os filipenses, que estavam tristes com a sua prisão, mostrando a eles as vantagens para o Reino do fato de ele estar preso (Fp. 1.12-18); e vantagens também para ele pessoalmente (Fp. 1.19-26).
- É curioso notar que a carta de Paulo aos filipenses é justamente chamada de “carta da alegria”, pois é nela em que Paulo mais revela seu contentamento, mesmo estando preso; a palavra “alegria” é citada 5 vezes nessa pequena carta (Fp. 1.4, 1.25, 2.2, 2.29 e 4.1); e o verbo “regozijar-se”, 9 vezes (Fp. 1.18 – 2 vezes, 2.17, 2.18, 2.28, 3.1, 4.4 – 2 vezes, 4.10); afora outras variações destas palavras.
- A importância deste v. 13 é encontrada no fato dessa capacidade de Paulo lutar com as adversidades da vida não ter sido alcançada por meio da autossuficiência, como os estoicos ensinavam, mas através da suficiência em Cristo. Este fortalecimento foi parte da experiência cristã contínua de Paulo e estava fundamentado em sua união com Cristo.
- Em conclusão, reafirmando o que foi dito durante todo o trimestre: não estamos livres das aflições deste mundo (os triunfalistas, que assim pregam, estão totalmente errados); ao contrário, Jesus deixou claro que neste mundo teríamos aflições; mas devemos ter bom ânimo, porque Ele venceu o mundo e por isso podemos ter paz nEle (Jo. 16.33).
- Lembremos que paz, no hebraico, é *shalom* (a palavra hebraica mais conhecida no mundo), que tem um significado bem diferente da ideia de paz que se disseminou entre os povos, especialmente entre os gregos (na mitologia grega, a paz era uma deusa, chamada de Eirene, filha de Zeus, o principal deus do Olimpo; na Septuaginta, inclusive, usa-se a palavra *eirene* para traduzir *shalom* do hebraico para o grego). *Shalom* significa integridade, completude; a pessoa alcança a paz ao se tornar completa, íntegra, inteira, amparada.

Referências bibliográficas:

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Editora CPAD, 2003.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, v. 4. Editora Hagnos, 2002.
- COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. **Vencendo as aflições da vida**. Editora CPAD, 2012.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEMCHUK, David. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 2. Editora CPAD, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A vida plena nas aflições**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- GILL, Deborah Menken. **Comentário bíblico pentecostal: novo testamento**, v. 2. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- MATOS, Clari de. **A vida plena nas aflições**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.assembleiadedeus.org.br/>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- RAMOS, Moyses. **A vida plena nas aflições**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- SILVA, Eliezer de Lira e. **Lições bíblicas: vencendo as aflições da vida – muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas**. Editora CPAD, 2012.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.